

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

DAIANA ROSA KELLING SANTURION

**A QUESTÃO DA IDENTIDADE NAS PERSONAGENS LAURENTINA E
MANDUME, DA OBRA *AS MULHERES DO MEU PAI*, DE JOSÉ EDUARDO
AGUALUSA**

CURITIBA

2018

DAIANA ROSA KELLING SANTURION

**A QUESTÃO DA IDENTIDADE NAS PERSONAGENS LAURENTINA E
MANDUME, DA OBRA *AS MULHERES DO MEU PAI*, DE JOSÉ EDUARDO
AGUALUSA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito final para obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima

CURITIBA

2018

DAIANA ROSA KELLING SANTURION

A QUESTÃO DA IDENTIDADE NAS PERSONAGENS LAURENTINA E MANDUME,
DA OBRA *AS MULHERES DO MEU PAI*, DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Esta monografia foi julgada e aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista, do curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Curitiba, 23 de outubro de 2018.

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima - UTFPR – Orientador

Prof. Dr. Marcio Matiassi Cantarin – UTFPR – Avaliador

Profa. Dra. Carolina Fernandes da Silva Mandaji – UTFPR – Avaliadora

A folha de aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, Cedilla, a minha irmã, Ana Carolina, minha filha, Eduarda e minha amiga, Daniela, que me incentivaram a todo momento na execução deste trabalho.

Ao professor Dr. Marcelo Fernando de Lima, por ter apresentado a literatura africana através das aulas da especialização e ter aceito me orientar.

Ao professor Dr. Márcio Matiassi Cantarin, por também ter me apresentado a literatura africana e ter corrigido a minha monografia.

A identidade tem se destacado como uma questão central nas discussões contemporâneas, no contexto das reconstruções globais das identidades nacionais e étnicas e da emergência dos “novos movimentos sociais”, os quais estão preocupados com a reafirmação das identidades pessoais e culturais. Esses processos colocam em questão uma série de certezas tradicionais, dando força ao argumento de que existe uma crise de identidade nas sociedades contemporâneas.

Kathryn Woodward (Identidade e diferença)

RESUMO

SANTURION, Daiana Rosa Kelling. A questão da identidade nas personagens Laurentina e Mandume, da obra *As Mulheres do Meu Pai*, de José Eduardo Agualusa. 31 f. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa e Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

Este trabalho analisa as personagens Laurentina e Mandume, da obra do escritor angolano José Eduardo Agualusa, quanto a questão da identidade nacional. Para tanto, essa análise é baseada em pesquisa bibliográfica, que tem como norte os estudos dos teóricos Stuart Hall e Zygmunt Bauman. Ambos afirmam que as sociedades pós-modernas sofrem uma crise de identidade. Para Hall, essa crise advém da fragmentação do indivíduo pós-moderno. As personagens Laurentina e Mandume vivem essa crise de identidade, pois são exemplos de sujeitos pós-modernos, que enfrentam problemas quanto à identidade.

Palavras-chave: Identidade. Literatura Africana. Romance. José Eduardo Agualusa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 O ESCRITOR JOSÉ EDUARDO AGUALUSA.....	10
2 A OBRA: AS MULHERES DO MEU PAI.....	12
3 OS NARRADORES DA OBRA.....	15
4 LAURENTINA E MANDUME.....	17
5 IDENTIDADE.....	22
5.1 A IDENTIDADE CULTURAL NACIONAL.....	22
5.1.1 A IDENTIDADE CULTURAL NACIONAL PARA BAUMAN.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	31

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar as personagens Laurentina e Mariano, da obra *As mulheres do meu pai*, do escritor angolano José Eduardo Agualusa, que é dividida pelo escritor em quatro andamentos, ou seja, quatro partes que apresentam as trajetórias das personagens em alguns países do continente africano, como Angola, Namíbia e África do Sul.

A metodologia deste estudo é baseada em pesquisa bibliográfica, tendo como norte a questão da construção da identidade, tema que será analisado a partir das personagens Laurentina e Mariano (Mandume). Laurentina busca sua identidade parental, ou seja, procura o seu verdadeiro pai, e Mandume luta constantemente contra o racismo, sofrido em seu próprio país, Portugal, pois parte da sociedade não o vê como português, mas como estrangeiro. Como contraponto, Mandume sente aversão ao país natal de seu pai, Angola, sentimento este que Laurentina não entende.

Tendo em vista a análise da identidade nas personagens, Laurentina e Mandume, o presente trabalho se dividirá em quatro capítulos. O primeiro é dedicado a José Eduardo Agualusa. Assim como as personagens do livro, ele não viveu somente em Angola, mas morou por um tempo no Brasil e atualmente reside em Lisboa. O fato que marca a identidade cultural do escritor é a língua portuguesa, e vai além do território, pois a língua portuguesa é o idioma oficial desses três países. Da mesma forma a questão da identidade das personagens está associada com a língua portuguesa, pois as suas trajetórias se relacionam a Portugal e as antigas colônias portuguesas no continente africano.

O segundo capítulo apresenta apontamentos sobre a obra por meio de um breve resumo. O terceiro capítulo irá se deter nas personagens Laurentina e Mandume, em que se buscará apresentar uma descrição de ambas. Laurentina é uma jovem documentarista que decide fazer um documentário sobre a vida de um músico chamado Faustino Manso, e Mariano é cinegrafista e trabalha com Laurentina. Ambos são namorados e enfrentam dilemas sobre a identidade.

O quarto capítulo será dedicado à análise da identidade nas personagens: Laurentina e Mandume. Essa análise será feita a partir do referencial teórico que terá

como base os estudos sobre a identidade cultural, nacional de Stuart Hall e, também, Zygmunt Bauman.

Por fim, nas considerações finais destaca-se que as personagens Mandume e Laurentina passam por uma crise de identidade, que redefine suas trajetórias de vida e a forma como lidam com a sua identidade nacional.

1 O ESCRITOR JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Não creio numa literatura cheia de certezas. Escrevemos para tentar compreender o mundo, ao menos o nosso mundo íntimo. Continuamos a escrever porque, felizmente, as questões nunca se esgotam. Num país jovem, como Angola, a questão da identidade ainda é importante. Para aqueles que, como eu, são vistos como minoritários, a questão da identidade é importante a vida inteira.

(Do fantástico ao político - José Eduardo Agualusa em entrevista a Ubiratan Brasil do Jornal O Estado de São Paulo, julho de 2013).

Filho de mãe brasileira e pai português, o escritor e jornalista José Eduardo Agualusa nasceu na cidade de Huambo, em Angola, no dia 13 de dezembro de 1960. Formou-se em Lisboa, nos cursos de Agronomia e Silvicultura, e desde a década de 1990 dedica-se exclusivamente à literatura. Além de ter vivido na sua terra natal, Angola, o escritor viveu em outros países, como no Brasil, nas cidades do Recife e Rio de Janeiro, em Moçambique, na cidade insular Ilha de Moçambique, na Alemanha, na cidade de Berlim, durante um ano, graças a uma bolsa concedida pela instituição alemã Deutscher Akademischer Austauschdienst. Na Holanda, na cidade de Amsterdam a convite da Fundação Holandesa para a Literatura, passou dois meses na Residência para Escritores. Atualmente, o escritor reside em Lisboa, Portugal.

Tendo em vista o contato do autor com países lusófonos, o que fica evidente que a própria identidade de Agualusa não é formada a partir de uma nação, por um território, mas sim pela língua portuguesa, sendo o elo que une estes países com o escritor. Ao ser entrevistado pela Revista online do Sesc-SP, declarou:

Identidade é algo que você vai construindo enquanto caminha. Evidentemente, o fato de eu viver em trânsito por esses territórios vai construindo a minha identidade. Sou o que sou hoje como resultado da soma desses encontros todos que vou tendo nesses lugares. O fato de eu viver em Lisboa e ter vivido no Rio não diminui nada, só me acrescenta. Se eu tivesse ficado em Luanda, a literatura seria outra porque eu seria outro. A literatura é consequência da vivência do escritor. Acho também que hoje em dia, se você tem uma carreira internacional e quer fazer da escrita um ofício, você tem que viajar. E por isso, hoje, a maior parte dos escritores viajam muito. Viramos um pouco caixeiros viajantes de nossos próprios livros, promovendo as edições.

Na mesma entrevista, foi questionado se a territorialidade não é mais importante para um escritor, o autor respondeu que:

Para mim é importante. O território da infância marca o escritor para sempre. Trabalho com a língua portuguesa e dificilmente me imagino viver fora desse território. Já vivi um ano em Berlim e não é uma experiência que eu gostaria de repetir, apesar de ter sido muito bem tratado e ter sido uma experiência que me foi útil. Mas meu território realmente é esse da língua portuguesa. Desde que comecei a escrever, embora não tivesse a experiência de vida que tenho hoje, eu já tinha a ideia de que aquilo que me interessa não é uma variante da língua, mas a língua portuguesa tal como a gente encontra em todo o mundo, nesta soma de variantes. Meu projeto como escritor é utilizar a língua portuguesa na sua riqueza total. O fato de eu transitar por esse mundo, já que estive em todos os países de língua portuguesa, exceto Guiné-Bissau, só me tem ajudado nesse projeto, porque é no contato com essas pessoas e a língua do lugar que vou aprendendo.

O território para o autor é a língua portuguesa, independente do país lusófono em que esteja. Como relatado na entrevista acima, o autor chegou a morar por um ano em Berlim, lá porém não teve a mesma experiência, não sentiu a capital alemã como seu território, pois não havia a língua portuguesa, o que provavelmente tenha prejudicado o contato do escritor com as pessoas, com a cultura daquele país. A questão da identidade é estabelecida pela língua portuguesa em um processo auto referencial e de sociabilidade, ou seja, um encontro consigo e com o outro.

No próximo capítulo será apresentado um resumo da obra através dos relatos e depoimentos das personagens da obra, que retratam os lugares e pessoas que tiveram relação na história de vida de Faustino Manso, sendo o mesmo a personagem que inspirou o documentário.

2 A OBRA AS MULHERES DO MEU PAI

O livro *As mulheres do meu pai* divide-se em quatro andamentos (ou partes), que têm como principais espaços, onde ocorrem as ações relatadas pelas personagens, alguns países do continente africano, como Angola, Moçambique e África do Sul. A história gira em torno da personagem principal, Laurentina, que é uma jovem documentarista, que após a morte da mãe, Doroteia, por meio de uma carta deixada pela genitora, descobre que foi adotada no primeiro dia de vida, pois a filha que sua mãe teve, nasceu morta.

Seu pai, Dário Reis, português, depois de Laurentina ter lido a carta da mãe, confessa que sua verdadeira mãe se chamava Alima e que morreu no parto e também conta que o seu verdadeiro pai se chamava Faustino Manso, um músico angolano, que obteve muito sucesso nos anos 1960 e 1970, que percorreu toda a costa da África Austral, desde Luanda à ilha de Moçambique.

Como estímulo para produzir um documentário, Laurentina valeu-se da curiosidade em conhecer seu verdadeiro pai para então conhecer a sua identidade. O seu pai, Dário, fica horrorizado ao saber que Laurentina queria voltar a África e pergunta o porquê do retorno ao continente – e ela responde: “Raízes. Queria procurar raízes (AGUALUSA, 2012, p. 28). Ela então decide produzir um documentário sobre Faustino Manso. Para infelicidade de Laurentina, logo ao decidir fazer o documentário sobre o seu possível pai e, através de um jornal, na página de cultura, descobre que ele tinha falecido recentemente.

Contudo, mesmo sabendo do ocorrido, ela decide continuar com o projeto de produção do documentário sobre Faustino Manso. Para tanto, juntamente com o cinegrafista, que é seu namorado, Mariano, mais conhecido pelo apelido de Mandume, percorre todas as cidades em que Faustino Manso viveu e trabalhou. Junto com Laurentina e Mandume vão o motorista, Albino Amador, conhecido como “Pouca Sorte”; Jordi, o fotógrafo, e Bartolomeu Falcato, neto de Faustino Manso, jovem empresário, que trabalha com o ramo televisivo. Laurentina o conhece no funeral de Faustino Manso.

No funeral, Laurentina começa a ter contato com a família do músico. Lá ela conhece a viúva, dona Anacleta. Laurentina estava com medo de ser expulsa pela viúva de Faustino Manso, porém foi muito bem tratada. Com o tempo, Laurentina

percebe que já não tem os mesmos sentimentos por Mandume, e começa a flertar com o galanteador Bartolomeu Falcato.

Devido às gravações do documentário, Laurentina vai conhecendo aos poucos as mulheres de Faustino Manso, como: Fatita Matos, que pintava autorretratos e que parou de fazê-los com o tempo pois não gostava de pintar velhas; Seretha du Toit, Elisa Mucavele, ministra da saúde, que foi por 8 anos mulher dele e tiveram 4 filhos, Dona Ana de Lacerda, curandeira, mãe de Juliana. Esta última confessa a Laurentina que teve um outro amor, o qual era um português que por ele até hoje ela chora de saudades. Laurentina, ao conhecer Juliana, reconheceu no rosto dela algumas semelhanças aos dela: “reconheci-a, reconhecendo-me. Juliana sou eu depois de uma noite mal dormida. Uma mulher de 34 anos, olhos amendoados, distraídos, com olheiras mais largas e mais fundas do que as minhas” (AGUALUSA, 2012, p. 198, 199).

Com o tempo, Laurentina descobre que Faustino Manso era estéril e que, por esse motivo não poderia ser seu pai biológico. O médico confessou que Faustino Manso era estéril conhecia sua verdadeira mãe, Alima, e disse-lhe que poderia levá-la a sua casa. Ele a leva à casa de Alima e Laurentina finalmente conhece sua mãe. Laurentina envolve-se emocionalmente com Bartolomeu Falcato, e em uma noite em que havia bebido bastante, ela bate na porta do quarto dele. Como consequência disso, Laurentina fica grávida. No dia em que Laurentina quer contar a Bartolomeu que está esperando um filho dele, ele diz a ela, que Merengue, uma mulher que ele havia se envolvido, estava esperando um filho dele. Com isso, ela desiste de contar sobre sua gravidez.

Através de uma carta de Alima, Laurentina finalmente fica sabendo que seu verdadeiro pai é Dário, que sempre esteve ao seu lado e foi responsável pela sua peregrinação identitária, que somente ao final é revelada. Devido à mentira do pai, Dário, Laurentina decide não contar a ele quem é o pai do filho que ela esperava:

- Estou grávida. Vou ter um filho.
- Muito bem! – Suspirou. Deve ter pensado que o pior já passara. – Parece-me uma boa notícia. Não? E posso saber quando tencionas apresentar-me ao pai?
- Sorri-lhe. Não sei onde fui buscar forças para sorrir. Talvez ao desespero de todas as suas mulheres. Olhei-o de frente e disse-lhe apenas: Nunca. O meu filho não tem pai. (AGUALUSA, 2012, p. 347)

Diante disso, percebe-se ao final da obra que a personagem Laurentina pune seu pai não revelando a verdadeira identidade do pai de seu filho, completando assim um ciclo de exclusão identitária no âmbito familiar. No próximo capítulo serão classificados os tipos de narradores presentes na obra *As mulheres do meu pai*, como forma de esclarecer a complexidade do enredo que envolve diversas trajetórias de vida que acabam se complementando por meio da construção de seus processos identitários.

3 OS NARRADORES DA OBRA

A história é contada a partir dos relatos de viagens e depoimentos das personagens, principalmente de Laurentina e Mandume. Para analisar os tipos de narradores, utilizou-se a classificação apresentada pelo escritor Raimundo Carrero, publicada pelo Jornal Rascunho. De acordo com Carrero, os narradores são classificados como: “**narrador plural**”, “**narrador múltiplo**” e de “**o olhar do personagem**”.

O **narrador plural** é aquele que narra a história na primeira pessoa do plural, que a partir da sua voz, fala pelos outros narradores, como é visto no trecho, do primeiro andamento do livro, no capítulo, “Pecado é não amar”, que apresenta a fala de Manuela, mãe de Mandume: “Naquela época éramos todos nacionalistas, parecia uma doença. Odiávamos Portugal. Queríamos terminar os cursos e regressar à trincheira firme do socialismo em África”. (AGUALUSA, 2012, p.23).

Outro exemplo, no capítulo “Da civilização”: “Passamos há pouco a fronteira entre a Namíbia e África do Sul. Estamos agora num pequeno restaurante à beira da estrada. Tencionamos ir diretamente para Cape Town. (AGUALUSA, 2012, p.127). Os **narradores múltiplos** são as personagens que segundo Raimundo Carrero, assumem a intimidade da história e contribuem para revelá-la. Em **o olhar do personagem**, o mesmo conduz todos os movimentos, trabalhando com os cenários. Percebe-se na obra, o uso pelo autor de narradores múltiplos, nas narrações das personagens: Laurentina, Mandume e Bartolomeu, que representam esse tipo de narração, respectivamente:

Olho-me ao espelho. Passo os dedos pelo meu cabelo. Está áspero e seco, quebradiço. Marquei hora no cabelereiro. Estendo-me na cama e tento ler. Não estou bem. Sinto muito frio. Cubro-me com um cobertor. Mandume entrou há pouco (estive a nadar na piscina) e assustou-se com meu aspecto. (AGUALUSA, 2012, p. 185)

Fecho os olhos. Abro os olhos. Estendido no banco de trás, com a cabeça no colo de Laurentina, o que vejo são as folhas largas recortadas contra o azul brilhante do céu. Oiço o piano de Faustino Manso, abrindo nota a nota a nota um sendeiro luminoso, a voz que canta, radiante [...](AGUALUSA, 2012, p. 201)

Estava nisto, a afundar-me, o coração a galope, quando três pancadas secas me arrancaram dali – de onde quer que fosse. Saltei da cama, enrolei uma toalha à cintura, ainda tonto de sono, e fui abrir a porta. Laurentina, entrou, olhos brilhantes, agarrou-me a nuca com longos dedos nervosos e beijou-me na boca. (AGUALUSA, 2012, p. 146, 147)

Esses tipos de narradores ajudam a compor os relatos e depoimentos das personagens, dando mais visibilidade às ações e pensamentos dos mesmos.

4 LAURENTINA E MANDUME

A personagem Laurentina é uma mulher jovem de 1,75 m de altura, de cabelos negros e lisos, olhos amendoados. A documentarista namora Mariano Maciel, jovem mais conhecido pelo apelido de Mandume, filho de um casal de angolanos, que deixou Angola na década de 1970, por medo de sofrer perseguição pelo governo por terem ideais socialistas. Laurentina nasceu em Moçambique, filha de Dário, português e de Doroteia. Tornou-se documentarista devido à influência de duas paixões do pai, a fotografia e o cinema. Logo no início do enredo, é evidente o interesse de Laurentina sobre o continente africano. Isso é marcado quando ainda na faculdade, uma professora lhe pergunta se tinha “um lado africano”. Ela responde que “por acaso tenho”. “- É onde me sento.” (AGUALUSA, 2012, p.103).

Por meio de uma carta deixada pela mãe, ela fica sabendo que foi adotada quando recém-nascida. E o pai, Dário, lhe conta o nome de seu verdadeiro pai, que se chamava Faustino Manso, um músico angolano. Com isso, Laurentina decide fazer um documentário sobre a vida de Faustino Manso. Quando Laurentina diz ao seu pai, Dário, que iria voltar a África, ele fica “horrorizado”:

- Fiquei horrorizado quando me disse que pretendia regressar a África?...
- Enlouqueceste? O que vais procurar em África?
- Raízes. Queria procurar raízes.
- Raízes têm as árvores – gritei-lhe -, nem eu nem tu somos africanos.

Nesse trecho, Laurentina demonstra na busca de sua identidade e o pai, Dário, confessa que tanto ele como ela, não são africanos. Quando Laurentina fica febril devido ao paludismo, ela é atendida por um médico chamado Amândio Pinto de Sousa. Após esse primeiro encontro com o médico, Laurentina o encontra uma segunda vez no hospital e ele revela que Faustino Manso era estéril. Diante dessa situação Laurentina confessa ao médico que: “Queria conhecer o meu pai biológico. Achei que se o conhecesse talvez isso me ajudasse a conhecer-me melhor a mim mesma”. (AGUALUSA, 2012, p. 235). Esse depoimento da personagem demonstra a crise de identidade a qual ela se encontra devido a mentira criada pelo seu próprio pai. Dário, seu pai, foi capaz de criar essa grande mentira para se proteger diante de

tal confissão, o médico, Amândio Pinto de Sousa, diz a Laurentina que pode levá-la à sua verdadeira mãe, Alima.

Com o tempo, Laurentina acaba se envolvendo emocionalmente com Bartolomeu Falcato, tanto que depois de uma noite juntos, ela fica grávida. No dia no qual Laurentina decide contar de sua gravidez a Bartolomeu ela desiste pois ele diz a ela que engravidou outra moça, chamada Merengue. A identidade do verdadeiro pai, Laurentina fica sabendo através de uma carta, da mãe, Alima que finalmente confia à filha o nome de seu verdadeiro pai, e para a sua surpresa é Dário, seu pai de sempre. É válido lembrar que, uma das mulheres de Faustino Manso, a curandeira, Dona Ana de Lacerda, quando conheceu Laurentina, lhe confessou que havia se apaixonado por outro homem, um português. Esse português era Dário, pai de Laurentina.

Esse fato é confirmado quando Laurentina conhece a filha de Dona Ana de Lacerda, ela vê em sua frente seu rosto refletido.

Afinal foi fácil: reconheci-a, reconhecendo-me. Juliana sou eu depois de uma noite mal dormida. Uma mulher de 34 anos, olhos amendoados, distraídos, com olheiras um pouco mais largas e mais fundas do que as minhas. Boca cheia, cabelos negros, corridos, pele queimada. A voz mansa como uma manhã de domingo. (AGUALUSA, 2012, p. 198, 199)

Na situação narrada acima, Laurentina, inconscientemente, descobre que Juliana é sua irmã. Para descobrir sua verdadeira identidade parental, Laurentina teve que percorrer a peregrinação vivida por alguém que não tinha nenhuma relação familiar com ela. Tudo isso, devido a mentira de seu pai.

Como punição ao seu pai, Laurentina recusa-se a dizer o nome do pai do filho que ela esperava. Mariano Maciel (Mandume) é o filho do meio do casal angolano, Marcolino e Manuela. O casal, em Luanda, Angola, tinha ideais socialistas e de liberdade. Naquele tempo, odiavam Portugal. Os pais de Mandume estudavam em Portugal, e em 1975 casaram-se. Marcolino estudava arquitetura e Manuela, enfermagem. Logo depois de formados queriam regressar a Angola.

Porém, em Portugal, 1977, ano que Mariano nasceu, os dois irmãos de seu pai foram fuzilados em Luanda, acusados de envolvimento em uma tentativa de golpe de Estado. Por esse motivo, o pai de Mandume, Marcolino requereu a nacionalidade portuguesa e nunca mais voltou a seu país de origem.

Esse afastamento do pai, Marcolino, de sua terra natal denota uma certa aversão de Angola e a mesma foi transferida conscientemente ou inconscientemente para o filho, Mandume. Essa aversão pode ser vista quando Laurentina afirma que Mandume não tinha nenhum interesse em dizer o significado de seu nome angolano, Mandume, nome que escolhido pelos seus pais para homenagearem a um rei “soba cuanhama que se suicidou durante uma batalha, no sul de Angola, contra tropas alemãs.” (AGUALUSA, 2012, p. 24). Esse descaso de Mandume pela cultura herdada de seus pais e pelo continente africano irritava a Laurentina.

Irrita-me o desprezo que demonstra em relação a África. Mandume decidiu ser português. Está no seu direito. Não creio, porém, que para se ser um bom português tenha de renegar todos os seus ancestrais. Eu sou certamente uma boa portuguesa, mas também me sinto um pouco indiana; finalmente, vim a Angola procurar o que em mim possa haver de africano. (AGUALUSA, 2012, p. 25)

Na citação acima, fica evidente a forma que Mandume e Laurentina tratam a identidade nacional de ambos, que é formada por várias nacionalidades. Ele, renega sua ancestralidade angolana e ela, além de se autodenominar portuguesa, não repele sua ancestralidade indiana e a possível angolana. Quanto a repulsa do pai, Marcolino, por África, ele não queria que Mandume fosse para o continente africano. Em uma conversa com Laurentina, Mandume diz que seu pai pediu para ele ter cuidado em África, com toda a gente, principalmente com as pessoas mais simpáticas e falantes, àquelas que ao invés de um aperto de mão abrem logo os braços: “Primeiro, abraçam-te filho, depois estrangulam-te.” (AGUALUSA, 2016, p. 28) E logo depois dessa afirmação, Mandume, comenta a Laurentina que o pai: “Não precisava prevenir-me. Nunca gostei de África. Vi como África destruiu os meus pais.” (AGUALUSA, 2016, p.28).

A partir dessa negação do pai de sua identidade nacional, causada pelo exílio, devido a perseguição que faziam em Angola às pessoas que defendiam os ideais do socialismo, é possível entender a aversão que Mandume sentia de Angola. Logo, ao chegar em Angola, na cidade de Luanda, Mandume não se sente confortável, pois a cidade lhe parece desorganizada e com muitos ruídos.

Se fosse uma ave, Luanda seria uma imensa arara, bêbada de abismo e de azul. Se fosse uma catástrofe, seria um terramoto: energia insubmissa, estremeando em uníssono as profundas fundações do

mundo. Se fosse uma mulher, seria uma meretriz mulata, de coxas exuberantes, peito farto, já um pouco cansada, dançando nua em pleno carnaval.

Se fosse uma doença, um aneurisma.

O ruído sufoca a cidade como um cobertor de arame farpado. Ao meio dia o ar rarefeito reverbera. Motores, milhares e milhares de motores de carros, geradores, máquinas convulsas em movimento. (p.45)

Mandume só aceitou viajar à Luanda porque ele acreditava que a viagem o aproximaria de Laurentina. Mas a aversão à cidade aumentava cada vez mais.

Esta cidade é um somatório de horrores: pobreza mais racismo mais estupidez mais ignorância mais conservadorismo mais machismo mais intolerância mais arrogância mais ruído muito ruído. Ruído por toda a parte, e a todas as horas do dia e da noite. (p.46)

Mandume era feliz por ter nascido em Lisboa e ser português, mas comenta que em uma fase de sua vida, na adolescência, ele teve dúvidas a que mundo pertencia, já demonstrando uma crise de identidade. A própria personagem Mandume comenta: “Não há quem enfrente crises de identidade” (p. 46). No capítulo “Lugar e Identidade”, Mandume relata o preconceito que sofria em Portugal e que colocava a sua identidade territorial em dúvida. Tanto que ele repetia para si mesmo, em silêncio: “Eu não sou daqui. Eu não sou daqui. Eu não sou daqui.” (p. 98) Neste capítulo, Mandume relata que algumas pessoas ao verem e ouvirem seu sotaque, logo lhe perguntavam:” - Não é angolano, pois não?” (p. 98) E quando ele dizia que era português, algumas pessoas entendiam que ele era torcedor do time e diziam a ele que eram torcedores de outro time, como exemplo dado pela personagem, do time Sporting.

Nesse capítulo, a personagem Mandume relata o dia que ele foi contratado para filmar um documentário sobre os grupos de extrema direita de Portugal:

Em determinada altura tínhamos de documentar uma manifestação em Lisboa contra os imigrantes. [...] Contei cinquenta jovens, quase todos musculosos, muitos de cabeça raspada, com caveiras e suásticas tatuadas nos braços. A maioria vestia t-shirts negras. Nas t-shirts podia ler-se – ‘A coisa está preta’. Não senti medo, nem sequer me apercebi que houvesse perigo, a não ser quando já era demasiado tarde. Subitamente um dos rapazes espetou-se diante de mim aos gritos:

- Preto! Preto! Volta para a tua terra, preto! (AGUALUSA, 2012, p. 98)

O que aconteceu com Mandume foi que este grupo de extrema direita criou uma intolerância racial, xenofobia, que por ignorância o condena, mesmo ele sendo um cidadão português. Porém, por ser negro, para este grupo, não pode ser português. A situação acima citada deixou Mandume com muita raiva, que chutou a sua câmara com tanta força, que ficou mancando durante uma semana. Logo depois da fúria, veio a tristeza. Mandume trabalhou por vários meses com Larentina em África, porém, pelo fato de ambos terem desfeito a relação amorosa por causa de Laurentina não mais amá-lo, ele decide voltar à Portugal e novamente é vítima de preconceito racial. Logo, ao chegar ele exclama feliz, dentro do táxi: “- Lisboa está tão bonita!”. E o taxista, comenta:

- Como disse?!
- Lisboa está tão bonita!...
- Lisboa está bonita?! Bonita?! Como pode dizer um disparate desses? Isto nunca esteve tão mal, uma choldra! Você não percebe porque é estrangeiro...
- Eu não sou estrangeiro, meu caro senhor, sou português!
- Você é português? Ah! Ah! Então sou sueco!... Há uns três meses talvez tivesse preferido ignorar o comentário. Agora não. Expliquei-lhe que havia nascido em Lisboa, filho de pais angolanos, e que podia ter escolhido ser angolano. Mas escolhera ser português. Ele, o desgraçado, não tivera escolha – era português por uma imposição do destino. O homem olhou-me atordoado, e não retorquiu. (AGUALUSA, 2012 p. 339-340)

Percebe-se que a personagem Mandume sofre uma crise de identidade, causada pelo preconceito sofrido por ele por ser negro, pois parte da sociedade, sendo aqui nessa situação, representada pelo taxista, não o vê como português por causa da sua cor de pele. Por outro lado, Mandume nutre um preconceito da terra natal de seus pais. Ele vê essa pátria cheia de defeitos, tem uma aversão enorme à cidade de Luanda, capital de Angola. Nesse sentido, percebe-se que a personagem Mandume se refere ao país de origem de seus pais com a mesma carga de repulsa a qual pode ser identificada como uma espécie de transferência do preconceito que ele sofre em Portugal, sendo provavelmente uma manifestação inconsciente da personagem, o que acaba reafirmando uma das manifestações conflituosas que permeiam o processo identitário ao longo da obra.

Dando prosseguimento ao trabalho, de análise da identidade nas personagens Laurentina e Mandume, o próximo capítulo abordará alguns apontamentos referentes à identidade, de acordo com Stuart Hall e Zygmunt Bauman.

5 IDENTIDADE

A identidade é formada por vários elementos que a compõem, como: o lugar de nascimento, seja região, estado ou país; os costumes e as tradições desses espaços; e as heranças culturais familiares. Para a construção desse capítulo foi aplicada como contribuição a obra de Stuart Hall, *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Outra contribuição que há neste estudo é a do sociólogo Zygmunt Bauman, através do livro: “Identidade”, obra que foi organizada a partir de uma entrevista feita ao jornalista italiano, Benedetto Vecchi.

A pesquisa se deterá no que Stuart Hall e Zygmunt Bauman discutem sobre a “identidade nacional”. É importante ressaltar que em alguma medida, o contexto de vida dos presentes autores acaba se confundido com a própria temática, pois os autores deixaram as suas terras natais, Stuart Hall deixa a Jamaica para residir na Inglaterra e Zygmunt Bauman, é obrigado a sair Polônia, por imposição do governo, para viver na Grã-Bretanha. O tema que será analisado nas personagens Mandume e Laurentina é a questão da identidade nacional, a partir de situações vividas, relatadas pelas personagens.

5.1 Identidade cultural nacional

O livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, de Stuart Hall, fornece elementos para a construção desse estudo, conforme será apresentado a seguir. Para introduzir o tema, é necessário ter em mente o conceito que o autor traz sobre a identidade. Ele estabelece três concepções sobre identidade: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

O sujeito do iluminismo, é masculino, centrado e domina a razão. Segundo Hall (2006, p. 11) “o centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa”. Logo, sendo uma concepção descrita pelo autor como muito “individualista”, em contraposição a visão teocêntrica, característica do período histórico anterior, a Idade Média, também chamado “Período Medieval” ou ainda “Idade das Trevas”.

Na segunda concepção, o sujeito sociológico, Hall afirma que a “identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade” (HALL, 2006, p.11) . Ou seja, como

autor afirma, a identidade “preenche o espaço entre o ‘interior’ (mundo pessoal) e o ‘exterior’(mundo público), estabelecendo uma maior interação entre a esfera do público e do privado.

A terceira concepção sobre identidade, segundo Hall (2006, p.12), “o sujeito pós-moderno”, é formado por várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” é a que se faz pertinente ao estudo do presente trabalho, pois tendo em vista que as personagens aqui serão analisadas pertencem a esse momento histórico, qual seja pertencente ao início do século XXI.

Segundo Stuart Hall (2006, p. 9), as identidades modernas, desde o final do século XX, estão fragmentadas em relação as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Conforme o autor, essas paisagens, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais.

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo.(HALL, 2006, p.9).

A citação acima pode ser compreendida através do contexto no qual é relatada a história das personagens Laurentina e Mandume, pois além de ocorrer no início do século XXI, período que compreende a questão da identidade através dos estudos da corrente teórica definida como pós-modernidade. Nesse contexto da chamada modernidade tardia (a segunda metade do século XX), o sujeito, ou no caso, as personagens são caracterizadas como “fragmentadas”, com relação a nacionalidade de maneira geral e especificamente, as questões relativas a raça e a descendência familiar.

Portanto, nesta análise das personagens, a questão da identidade cultural nacional é o ponto chave. Uma das principais fontes de identidade cultural, segundo Hall (2006, p. 47) é constituída pelas “culturas nacionais em que nascemos”. O autor explica que quando nos definimos a partir de um gentílico, por exemplo, que somos portugueses ou africanos ou brasileiros, falamos metaforicamente, pois essas identidades “não estão impressas em nossos genes”. De acordo com Hall, não

nascemos já com as identidades nacionais, “elas são formadas e transformadas no interior da representação.” (2006, p. 48) Hall, exemplifica a ‘representação’ através do termo “inglês”,

Nós só sabemos o que significa ser ‘inglês’ devido ao modo como a ‘inglesidade’ (*englishness*) veio a ser representada – como um conjunto de significados – pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural.

Hall, afirma que as culturas nacionais começaram a ser validadas a partir da era moderna, pois antes, na era pré-moderna, eram dadas “à tribo, ao povo, à religião e à região.” “As diferenças regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas, de forma subordinada” (2006, p. 49). O surgimento da cultura nacional acarretou na criação de padrões de alfabetização universais, dando origem a uma única vernacular, “como meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais, como por exemplo, um sistema educacional nacional.”(HALL, 2006, p. 49-50).

Mandume e Laurentina são exemplos de indivíduos que sofrem essa crise de identidade. Essa crise de identidade na modernidade é vista na personagem Mandume, no tocante à nacionalidade que por causa do preconceito que sofre em sua terra natal, chega a negá-la. Quando a Mandume ouve de um jovem de extrema direita, que manifestava contra os imigrantes: “ - Preto! Preto! Volta para a tua terra, preto!”, isso provoca nele, uma negação à sua nacionalidade pois repetia a si mesmo: “Eu não sou daqui. Eu não sou daqui. Eu não sou daqui” (AGUALUSA, 2012, p. 98). Aqui percebe-se duas situações que envolvem a ideia de identidade. A primeira, do jovem de extrema direita que delimita a identidade nacional a partir das características físicas, como a cor da pele. Como Hall comenta em seu livro, a diferença genética é “o último refúgio das ideologias racistas” e é evidente que o jovem de extrema direita, com ideais neonazistas se baseou na cor da pele de Mandume, para classificá-lo como imigrante.

Como Hall observa, “a diferença genética não pode ser usada para distinguir um povo de outro”, pois,

A raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica. Isto é, ela é uma categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas- a cor da pele, textura

do cabelo, características físicas corporais, etc. – como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro. (HALL, 2006, p. 63)

Para Hall, pertencemos biologicamente a uma mesma raça, qual seja, humana, todas as demais reflexões sobre raça recaem em uma análise meramente discursiva, culturalmente construída. Em sendo assim, o pré-conceito do jovem de extrema-direita ao fazer uso da diferença de cor para determinar se Mandume era português ou imigrante, é produto de uma construção cultural discursiva e que acabou causando uma crise de identidade no cinegrafista, sendo esta a segunda situação envolvendo o fato. A exclusão sofrida por Mandume, por parte do jovem de extrema direita, como português provocou também nele a não aceitação de Portugal como sua pátria.

Um movimento tem causado uma mudança na identidade nacional: a globalização. O termo globalização, segundo Anthony McGrew (1992, apud Hall, 2006, p.67) se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de tempo-espço, tornando o mundo, em realidade e experiência, mais interconectado.

A globalização, segundo Hall, não é um fenômeno recente, porém desde a década de 1970 “tanto o alcance como o ritmo da integração global aumentaram enormemente, acelerando os fluxos e laços entre as nações”. (HALL, 2006, p. 68) A globalização, segundo Hall pode acarretar três possíveis consequências às identidades culturais:

- As identidades nacionais estão se desintegrando, como resultado da homogeneização cultural de do pós-moderno global.
- As identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência a globalização.
- As identidades estão em declínio, mas as novas identidades-híbridas estão tomando seu lugar. (Hall, 2006, p. 69)

No próximo subcapítulo será analisada a contribuição de Zygmunt Bauman para os estudos de Identidade, no qual o autor fundamenta os seus estudos, por meio de uma relação contraditória, qual seja a proibição de viver no seu próprio país, em razão dos seus ideais contrários ao *status quo* vigente a época.

5.2 A identidade Nacional para Zygmunt Bauman

O sociólogo Zygmunt Bauman (2005, p. 15), em seu livro: “Identidade”, introduz o tema identidade nacional, narrando uma situação pessoal de que quando ele recebeu o título de doutor *honoris causa* na Universidade de Charles, Praga, lhe perguntaram se durante a cerimônia ele preferia que tocasse o hino de sua terra natal, a Polônia, país em que não pode permanecer pois lhe foi tirado o direito de lecionar, ou o hino da Grã-Bretanha, país no qual ele escolheu viver e também foi escolhido por meio de uma oferta de emprego.

Para responder tal situação Bauman analisou que, na Grã-Bretanha ele era “um estrangeiro, “um refugiado de outro país”, um recém-chegado” ao país, e que em seu país de origem fazia mais de trinta e tantos anos que havia sido privado de sua cidadania polonesa. Ele, ao ouvir a sugestão de sua companheira, Janina, decidiu escolher o hino europeu demonstrando assim a sua profunda crise de identidade. O sociólogo afirma que ele só foi pensar sobre sua identidade nacional quando foi obrigado a deixar o seu país de origem, a Polônia, e pedir asilo na Grã-Bretanha. Bauman afirma que a identidade definida em termos da nacionalidade lhe foi negada e tornou-se impossível.

Como Zygmunt Bauman comenta, existem “comunidades de vida e de destino”, no caso vivido por ele, a primeira integra a sua terra natal e a segunda a Grã-Bretanha. De acordo com o autor, ele só refletiu sobre a sua identidade nacional porque lhe foi negado o direito de ele viver em sua terra natal. Muitos, segundo Bauman, esperam que ele se autodefinia enquanto a sua identidade nacional, porém não é uma tarefa fácil, pois,

Uma vez tendo sido obrigado a me mudar, expulso de algum lugar que pudesse passar pelo meu ‘habitat natural’, não haveria um espaço a que pudessem considerar-me ajustado, como dizem, cem por cento. Em todo e qualquer lugar eu estava – algumas vezes ligeiramente, outras ostensivamente – ‘deslocado’. (BAUMAN, 2005, p. 18)

A questão da identidade, no tocante a nacionalidade, devido ao contexto vivido por Bauman recebe um destaque particular. Porém, não aconteceu somente com o sociólogo, como ele mesmo afirma: “Eu compartilho essa sorte com milhões de refugiados e migrantes que o nosso mundo em rápido processo de globalização produz em escala bastante acelerada” (BAUMAN, 2005, p. 18). Essa informação é logo confirmada com as manchetes de jornais, pois há um número muito grande de

refugiados e migrantes no mundo inteiro, que ora tiveram que exilar-se de seu país de origem por causa de efeitos naturais, como o terremoto no Haiti que aconteceu em 2010, que provocou morte e a migração de muitos haitianos refugiados, ora por declínios, embargos econômicos, guerras nacionais, como visto, na Venezuela e em alguns países do continente africano, especialmente aqueles situados no norte.

De acordo com Bauman, a identidade nacional não surgiu naturalmente na sociedade, ela é consequência de um processo histórico específico que está associado ao estabelecimento do Estado moderno na conjuntura europeia do século XIX, em contraposição aos Estados absolutistas.

A ideia de 'identidade', e particularmente de 'identidade nacional', não foi "naturalmente" gestada e incubada na experiência humana, não emergiu dessa experiência como um 'fato da vida' autoevidente. Essa ideia foi 'forçada' a entrar na *Lebenswelt* de homens e mulheres modernos – e chegou como uma *ficção* [...] A identidade só poderia ingressar na *Lebenswelt* como uma tarefa – *uma tarefa ainda não realizada, incompleta*, um estímulo, um dever e um ímpeto à ação. E o nascente Estado moderno fez o necessário para tornar esse dever obrigatório a todas as pessoas que se encontravam no interior da soberania territorial. (BAUMAN, 2005, p. 26)

O Estado moderno usou a ideia de identidade nacional para "legitimar a exigência de subordinação incondicional de seus indivíduos. (BAUMAN, 2005, p.27) De acordo com o autor a "nacionalidade" era a única encontrada nos documentos de identidade e passaportes, sendo que as outras identidades tinham de ser certificadas por órgãos autorizados pelo Estado. Se não fossem autorizados e nem reconhecidos, seu portador era considerado "um impostor, um vigarista." Atualmente, com o advento da atual etapa do processo de globalização, o Estado não tem mais o poder ou não tem mais o desejo de manter uma união sólida e inabalável com a nação. (BAUMAN, 2016, p. 34). O sociólogo (2005, p. 33) cita texto de um cartaz espalhado nas ruas de Berlim em 1994, que segundo o autor, "ridicularizava a lealdade a estruturas que não eram mais capazes de conter as realidades do mundo." Essas realidades do mundo possibilitadas pela globalização.

Seu Cristo é judeu. Seu carro é japonês. Sua pizza é italiana. Sua democracia é grega. Seu café, brasileiro. Seu feriado, turco. Seus algarismos, arábicos. Suas letras, latinas. Só seu vizinho é estrangeiro.

Com relação ao texto escrito no cartaz em Berlim, é evidente que é feito uma crítica à questão da identidade nacional e Bauman também evidencia que a globalização causou esse encontro multicultural de identidades que podem ser encontradas nos sujeitos “pós-modernos”. As personagens Mandume e Laurentina passam por conflitos de identidade atuais, de pessoas que vivem na pós-modernidade e são fragmentadas. Mandume, ao mesmo tempo que oscila entre aceitar e não aceitar sua pátria, Portugal como legítima, sendo essa oscilação provocada pelo preconceito que sofre por uma parte da sociedade portuguesa, por vê-lo como um estrangeiro e não como um português. Já, Laurentina, que tinha sua identidade como portuguesa, mas também aceitava a sua descendência indiana e uma possível angolana, viu-se em desespero ao saber que seu próprio pai lhe fez desacreditar de sua paternidade, inventando uma mentira para acobertar sua traição. Isso causou uma crise de identidade em Laurentina, tanto Mandume, através do preconceito que sofria e Laurentina, através da mentira de seu pai, sofreram uma certa negação da identidade nacional, o que lhes causou uma crise de identidade. Hall, afirma que as culturas nacionais começaram a ser validadas a partir da era moderna, pois antes, na era pré-moderna, eram dadas “à tribo, ao povo, à religião e à região.” “As diferenças regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas, de forma subordinada” (2006, p. 49).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultado deste trabalho ficou evidente que a questão da identidade é um processo atual e envolve as personagens analisadas, Laurentina e Mandume. É possível observar que dentre as temáticas abordadas na obra tem destaque a questão identitária que se desdobra como o fio condutor dos conflitos vivenciados pelas personagens.

Como forma de fundamentar a análise da referida obra buscou-se a contribuição teórica dos autores, Stuart Hall e Zygmunt Bauman,, no contexto da identidade nacional, abandonaram seus países de origem e foram viver em outras nações. Bauman comenta que somente foi pensar na sua identidade nacional quando foi expulso de sua terra natal e teve que viver em outro país.

De acordo com a análise feita através das leituras de Stuart Hall e Zygmunt Bauman, chega-se à conclusão que as personagens Mandume e Laurentina passam por conflitos de identidade atuais, de pessoas que vivem na pós-modernidade e são fragmentadas.

Laurentina e Mandume viam a questão da identidade nacional de forma diferente. Laurentina, no primeiro momento, motivada por uma mentira de seu pai, Dário e também pelo trabalho como documentarista, ela percorre países do continente africano para documentar a vida de um músico, Faustino Manso, angolano, que havia deixado uma mulher e filhos, em cada lugar que residiu.

Dário havia lhe dito que seu pai biológico era Faustino Manso. Porém, no final, ela descobre que a verdadeira identidade do seu pai, é o próprio Dário. No primeiro momento, a personagem Laurentina aceita sua identidade nacional portuguesa. Porém, tampouco lhe importava que sua identidade nacional pudesse estar relacionada a um país africano ou ainda de origem europeia, pois o seu vínculo identitário era de pertencimento a um núcleo familiar.

Mandume tinha claro que sua identidade nacional era a portuguesa, porém, motivado pelo preconceito racial que sofria em Portugal, praticado parte da sociedade, chegou a negá-la. Ao mesmo tempo, que negava sua identidade nacional portuguesa, também negava a identidade nacional de seus pais, que eram angolanos, através do asco que sentia de Angola.

O advento da identidade Nacional surgiu de forma imaginada, se deu na era moderna, foi quando surgiu a ideia de Estado nação, pois antes, na era pré-moderna, eram dadas “à tribo, ao povo, à religião e à região.”(HALL, 2006, p.49) O Estado moderno usou a ideia de identidade nacional para “legitimar a exigência de subordinação incondicional de seus indivíduos. (BAUMAN, 2005, p.27) No pós-modernismo, como consequência da globalização, os sujeitos tornaram-se fragmentados e com a crise de identidade.

Por fim, as personagens Laurentina e Mandume, representam indivíduos que passam por uma crise de identidade causada por problemas da pós-modernidade; ela, pela busca do pai que sempre esteve ao seu lado, e ele por não ser aceito como legítimo português, por parte da sociedade portuguesa.

Conclui-se que Laurentina e Mandume não são frutos de uma só uma identidade nacional, mas sim de todas as que herdaram de seus pais.

REFERÊNCIAS

AGUALUSA, José Eduardo. **As mulheres do meu pai**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 11. ed., 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias de currículo. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

_____(org.), HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a Perspectiva dos Estudos Culturais 13. Ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

Revista online- Sesc SP. **José Eduardo Agualusa**. 24/10/2014.p. 1/4 Disponível em <https://www.sescsp.org.br/online/artigo/8375_JOSE+EDUARDO+AGUALUSA> Acesso em 17 ago. 2018.

CARRERO, Raimundo. **Múltiplos narradores**: a técnica para o uso de vários narradores no romance. Jornal Rascunho Jul. 2016. p. 2. Disponível em: <<http://rascunho.com.br/multiplos-narradores/>> Acesso em 17 ago. 2018.

Portal da Literatura. **José Eduardo Agualusa**. Disponível em <<https://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=455>> Acesso em 18 ago. 2018.

Templo Cultural Delfos. **José Eduardo Agualusa**: identidade e memória. Disponível em: <<http://www.elfikurten.com.br/2015/05/jose-eduardo-agualusa.html>> Acesso em 18 Ago. 2018.

Estadão. **Do fantástico ao político**. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,do-fantastico-ao-politico-imp-,1053079>> Acesso em 19 Ago. 2018.